



Invasão de área verde na margem: danos causados pela retirada podem ser maiores que os ocorridos até agora

## Especialistas se unem apenas para condenar a omissão

A recuperação de áreas invadidas na orla do Lago Paranoá divide opiniões de especialistas em meio ambiente. A permanência ou retirada das edificações depende de parecer técnico. Enquanto não há nenhuma decisão final sobre o assunto, biólogos debatem sobre o que está concretizado e o que pode ser feito para amenizar a agressão à fauna e flora da região.

A justificativa do governo para aprovar a permanência de algumas construções não agradou a bióloga Maria Júlia Martins, do Departamento de Zoologia da Universidade de Brasília (UnB). De acordo

com ela, retirar as edificações que hoje tomam conta de grande parte da orla não causará dano maior, como avaliou o secretário Cássio Taniguchi.

— Se você deixa a situação como está o fluxo de barcos vai aumentar. Isso trará danos ainda maiores aos animais que precisam da orla para viver — afirmou Maria Júlia. — O ideal seria permitir somente a existência de píeres.

Mas para o professor de engenharia ambiental da Universidade de Brasília (UCB), Edilson Bias, o governo está no caminho certo. Como o

processo já foi concretizado, Bias defende uma avaliação detalhada sobre cada área e o tipo de construção nela feita ao longo do tempo.

— Há situações em que a permanência pode ser a melhor saída. Mas para isso o governo precisa estabelecer políticas de monitoramento da área. Só assim serão evitadas novas construções — disse Bias. — O projeto de revitalização da área precisa sair do papel.

Mas em um ponto os dois concordam: houve omissão do Estado. Bias afirmou que a situação chegou a esse nível porque nada foi feito nas ges-

tões passadas para inibir as invasões. Já Maria Júlia afirma que o Estado não pode tratar o Lago Sul diferente das outras áreas invadidas.

— O processo precisa ser discutido com a sociedade. Quem vai determinar que área será removida? Seria justo derrubar as obras do vizinho e a sua não? — questionou Maria Júlia.

Os dois também afirmam que os animais e plantas que viviam nas áreas invadidas não podem ser mais prejudicados. Tudo porque o maior dano já foi feito, o da ação agressiva e sem planejamento do homem. (E.M.)